

# COMO TRABALHAR A COOPERAÇÃO NA PRÉ-ESCOLA: UMA SUGESTÃO

Dair Aily F. de Camargo (\*)

Silze Ap. B. Bertagna(\*\*)

## I. Introdução

O presente trabalho utilizou como referencial a teoria psicogenética.

É já conhecido que o objeto central de uma pré-escola construtivista é o desenvolvimento da personalidade integral da criança; mas, na visão de Kamii e Devries [2], dever-se-ia priorizar na pré-escola os aspectos sócio-afetivos, base de todo desenvolvimento posterior.

Na presente experiência, a ênfase recaiu sobre o desenvolvimento social ou, mais especificamente, sobre o desenvolvimento da cooperação.

É evidente, como diz H. Aebli [1] que a realização da livre cooperação pressupõe que os participantes preencham certas condições intelectuais mas, por outro lado, podemos nos perguntar se essas formas de trabalho em comum não exercem, em contrapartida, influências favoráveis ao desenvolvimento intelectual da criança.

É comum ouvir-se de professores, afirmações sobre a incapacidade das crianças pequenas trabalharem em grupo.

O presente trabalho foi uma tentativa de modificar experimentalmente o ritmo de

desenvolvimento, concebendo e utilizando-se das experiências de aprendizagem como uma das fontes do desenvolvimento social; se esta hipótese é correta, temos como consequência que as crianças, desde os primeiros anos de sua escolaridade, deverão ser incentivadas e guiadas para trabalharem juntas e discutirem os problemas simples a seu alcance.

Nossa experiência foi realizada com crianças de 4 e 5 anos, portanto, crianças do estágio pré-operatório, cuja característica essencial é o egocentrismo, conseqüentemente, a dificuldade em co-operar.

Experimentalmente tentamos incentivar atividades entre pares ou trio de crianças, encorajando-as a levarem em consideração, as colocações, os papéis, ou mesmo, a presença física dos outros colegas do grupo. A criança era propositadamente colocada em situações que a "forçavam" a tomar em consideração a existência do outro ou dos outros elementos do grupo, que apresentavam, quase sempre, desejos e colocações diversos dos seus.

Nosso ponto de partida portanto foi o de que alimentando os esquemas das crianças, através de atividades adequadas, poderemos conseguir acelerar o seu desenvolvimento social e "se a cooperação social é um dos agentes formadores na

(\*) Professor Adjunto do Departamento de Educação do Instituto de Biociências da UNESP - Câmpus de Rio Claro.

(\*\*) Professora de Pré-Escola e aluna do curso de Pedagogia da UNESP - Câmpus de Rio Claro

gênese espontânea do pensamento infantil, impõe-se como necessidade para o ensino, tirar partido desse fato, reservando, nos programas escolares, desde seus primeiros anos, lugar de destaque às atividades socializadas" (Aebli, p.71).

## II. Procedimento

Nosso procedimento geral consistiu em criar situações desafiadoras e motivadoras, através de jogos e atividades lúdicas, onde cabia, a cada par ou trio, organizar-se, combinar e descobrir os meios apropriados de realização das atividades propostas, de modo a que, todas as crianças dos grupos, tivessem iguais oportunidades de participação. Ninguém poderia ou deveria ser deixado de lado.

Participaram da experiência 26 crianças de 4 e 5 anos que frequentavam Pré I numa Escola Municipal na cidade de Rio Claro (S.P.) durante um bimestre letivo. Dos 26, 13 eram meninos e 13 meninas.

Nosso trabalho, enquanto pesquisadoras, foi o de criar, selecionar e propor, na qualidade de professora regular da classe estudada (\*), as situações que favorecessem a cooperação entre grupos de alunos, grupos esses compostos sempre espontaneamente.

Das atividades e jogos, alguns foram realizados dentro e outros fora da sala de aula e foram surgindo e sendo propostos a partir das necessidades e interesses dos próprios alunos, em função de alguns temas trabalhados no bimestre.

As características essenciais para a realização dessas atividades, eram no sentido de "forçar" a cooperação através de:

- regras pré-estabelecidas sobre a atuação dos membros dos grupos, em cada atividade.
- material individualizado para a realização das atividades, pelas crianças, mas, material único (uma única folha de sulfite) para a apresentação do trabalho do grupo, quando isso se fez necessário.

As atividades propostas foram:

- 1 recorte e colagem de uma árvore.
- 2 desenho livre. Tema, meio ambiente.
- 3 modelagem livre com massinha.
- 4 brincadeira: quem tem medo do gavião.
- 5 brincadeira na areia: construindo um castelo.
- 6 atividade com brinquedo pedagógico: fazendinha.
- 7 atividade com blocos lógicos: construção livre.
- 8 brincadeiras na piscina: atividades livres.
- 9 brincadeiras no parque: atividades livres.

Por se tratarem de atividades rotineiras, bastante conhecidas pelos professores de pré-escola, omitiremos a descrição de cada uma.

Cumpre apenas chamar atenção para dois fatos:

- a nas atividades 1- 2- 3, cada grupo recebia apenas uma folha de sulfite para a realização do trabalho.
- b podemos hierarquizar em três (3) níveis, as atividades propostas:

1- 2- 3 (realizadas em classe): nível de implantação (construção) do comportamento desejado. Através dessas atividades buscou-se criar condições que "forçassem" o comportamento cooperativo; cada grupo dispunha, para suas atividades, de uma única folha de papel sulfite.

4- 5- 6- 7 (as duas primeiras realizadas no pátio da escola e as duas últimas, na classe): nível de consolidação do comportamento cooperativo. Sabemos que sob condições idênticas, os mesmos fatores introduzidos pelo experimentador, não produzem os mesmos efeitos conforme o nível da criança. Em função disso, novas oportunidades eram oferecidas às crianças onde a cooperação deveria ou poderia surgir: fosse "não largando a mão do companheiro para fugir do gavião" (segundo a regra estabelecida no início da

brincadeira), fosse na tentativa de construir juntos o "castelo mais alto" ou o "edifício mais alto" ou, fosse aguardando que o colega terminasse de construir a "cerca da fazendinha para poder colocar o cavalo dentro" etc.

8- 9 (realizadas no pátio da escola): níveis de generalização do comportamento cooperativo. No pátio, no parquinho, no tanque de areia ou na piscina, era o momento adequado para se observar o comportamento espontâneo das crianças em atividades livres ou jogos: correndo ou nadando, escorregando ou brincando, que tipo de interação mantém com seus colegas?

### III. Resultados e Discussão

Para não nos alongarmos demais na apresentação dos dados, exporemos apenas nossos resultados mais gerais.

1 Nas atividades 1- 2- 3, feitas em pares, pudemos observar que, inicialmente, as crianças mesmo estando juntas, brincam isoladamente; desconsideram completamente as regras estabelecidas e o outro colega do grupo. Os comportamentos mais característicos foram:

- assim que a dupla recebe a folha única de sulfite, o que faz é riscá-la ao meio ("cada um fica com o seu pedaço" ou "eu faço o meu sol e você faz o seu sol")
- as crianças se valem de algum material fornecido (no caso presente, um garfinho de madeira que serviria de tronco à árvore) para separar as duas metades do papel sulfite: "eu coloco as folhas da árvore desse lado do tronco e você, coloca do outro lado".
- as crianças sequer apresentam a preocupação de posicionarem suas cadeiras de maneira a facilitar ou possibilitar um trabalho conjunto. Assim, enquanto uma criança da dupla, monta sua árvore no sentido do comprimento da folha, a outra o faz no sentido da largura; na verdade, continuam existindo dois trabalhos independentes.

- convém mencionar que mesmo nessas primeiras atividades pudemos perceber, nos trabalhos feitos, um início de organização, de atividade conjunta, de composição de ações num todo com alguma coerência.

2 Nas atividades 4- 5- 6- 7, gostaríamos de destacar o seguinte acontecimento:

Numa das últimas aulas da classe, chovia muito. Numa sala ao lado, apareceram apenas sete (7) alunos e a professora pediu para juntar as duas turmas. Estas sete (7) crianças sentaram-se em duas mesas, separadas dos alunos da outra classe. Foi então que tivemos a oportunidade de verificar e comparar as diferenças no comportamento das crianças dessas duas turmas.

O material a ser utilizado na atividade foi deixado sobre as mesinhas, onde sentaram-se três (3) ou quatro (4) crianças. Enquanto que as crianças da classe trabalhada, se limitaram tranquilamente a ir pegando material na medida que isso se fazia necessário, as crianças da outra classe, se apressaram cada qual, a pegar o "seu material" e depois, não sabiam bem o que fazer com ele (o importante era pegar o material primeiro de tudo!)

3 Nas atividades 8- 9 : ao invés de pularem na água, sozinhos, como faziam antes, as crianças caíam na piscina de mãos dadas, formando rodas; ao invés de se atropelarem e brigarem no escorregador, cada uma querendo descer antes da outra, as crianças desciam pelo escorregador "de moto" isto é, cada um devia segurar-se na da frente e esperar que a de trás se arrumasse para poder descer.

Todos os dados coletados que nos possibilitaram as observações feitas, nos permitem as seguintes afirmações:

No início do trabalho, pudemos perceber as dificuldades das crianças para realizarem uma atividade comum; suas dificuldades para levarem em consideração a existência do colega e de suas colocações; suas dificuldades em respeitarem e executarem as regras combinadas.

Mesmo tendo sido dado a elas total liberdade de escolha do par ou dos dois outros

membros do seu grupo, elas não levam em consideração a opinião do amigo na hora da realização da tarefa.

Mesmo assim, nesse curto espaço de dois meses, que durou a experiência, pudemos observar um crescimento surpreendente da criança: ela caminhou a passos largos, do egocentrismo ao sociocentrismo, do monólogo ao diálogo, da ação solitária à cooperação.

Pudemos observar também, o quanto a cooperação aumenta o interesse das crianças, incitando-as a apresentarem novas brincadeiras; as suas tentativas graduais para se compreenderem mutuamente; os seus esforços para se organizarem numa atividade comum e, até a interiorização e execução lentas das regras estabelecidas.

Como dizem Kamii e Devries, através da cooperação a criança caminha rumo a autonomia, construindo seus próprios valores, base para que no futuro consiga opinar, decidir, criticar.

#### IV. Conclusão

Ao término deste trabalho julgamos poder afirmar que a cooperação pode e deve ser trabalhada a nível da pré-escola e, as suas vantagens para o desenvolvimento total da criança já são bastante conhecidos e não necessitam serem aqui lembrados.

#### V. Bibliografia

- [1] AEBLI, H. - Didática Psicológica: aplicações à didática da psicologia de J. Piaget; trad. de João T. d'Olim Marote. S.P. Ed. Nac. e Ed. da USP, 1971.
- [2] KAMII, C. e R. DEVRIES. Piaget para a educação pré-escolar; trad. de M. Alice B. Donesi, 2ª ed., Artes Médicas, Porto Alegre, 1992

(\*)Um dos autores do presente trabalho, Silze Ap. B. Bertagna era a professora regular da classe onde se realizou a presente experiência.